

Banda Sinfónica Portuguesa

12 Abr 2015
12:00 Sala Suggia

Francisco Ferreira *direcção musical*
Mário Laginha *piano*

Dirk Brossé

Philadelphia Overture (2010; c.7min.)*

Philip Sparke

A Weekend in New York (2008; c.8min.)**

George Gershwin

Rhapsody in Blue (1924; c.15min.)

Luis Serrano Alarcón

Memorias de un hombre de ciudad (2003; c.20min.)**

1. Amanhecer na cidade –
2. Máquinas (e homens) –
3. 10:30. Intermezzo –
4. Máquinas –
5. Sonhos –
6. Voos nocturnos –
7. Amanhecer na cidade

*Estreia mundial da versão para banda de Dirk Brossé e Nicolas De Cock

**Estreia nacional

Dirk Brossé

Philadelphia Overture

Dirk Brossé (1960) nasceu em Ghent, na Bélgica. É um compositor multifacetado e um maestro respeitado no panorama musical internacional. Escreveu cerca de 200 obras, incluindo música sinfónica, oratórias, música de câmara, concertos e canções, que têm sido tocadas e gravadas por todo o mundo. Algumas das suas principais obras sinfónicas são: *La Soledad de América Latina* (em colaboração com Gabriel Garcia Marquez), sinfonias, concertos, ciclos de canções e a oratória *Juanelo*. Compôs igualmente para teatro e cinema. Dirk Brossé gravou mais de 60 CDs e dirigiu em numerosas salas mundialmente famosas. Na Casa da Música, dirigiu um concerto conjunto da Orquestra Nacional

do Porto e Orquestra Jazz de Matosinhos, em 2010. Foi precisamente nesse Verão que Dirk Brossé foi nomeado director musical da Orquestra de Câmara de Filadélfia, levando para o concerto inaugural uma surpresa musical para a cidade onde iria trabalhar durante os quatro anos seguintes. *Philadelphia Overture* é dedicada à primeira capital dos Estados Unidos da América e traduz a energia, liberdade e vitalidade da cidade multiétnica de Filadélfia.

Philip Sparke

A Weekend in New York

Philip Sparke (1951) nasceu em Londres e estudou no Royal College of Music, formando aí uma banda de metais que incluía obras suas no repertório. Rapidamente se tornou um compositor requisitado, com numerosas encomendas e conquistando vários prémios e afirmando-se como uma das figuras fundamentais de um quase “renascimento” no âmbito do repertório, sendo um dos pilares da nova música que nas décadas seguintes e até aos nossos dias traria um novo fôlego à actividade das bandas, tanto nos palcos de concertos como nas exigentes competições internacionais.

A Weekend in New York foi uma encomenda da United States Army Field Band (Washington, D.C.), estreada em 2008. O compositor escreve a seguinte nota de programa à obra:

«A encomenda pressupunha uma obra “com um tema americano”, o que me pareceu ideal já que regressava naquela altura de um fim-de-semana em Nova Iorque. Embora tivesse já visitado os EUA várias vezes, tinha sido a minha primeira estadia na cidade, que desperta um enorme fascínio em quem vem do outro lado do Atlântico. Receava que esta nossa ideia fosse um pouco romanceada, mas fiquei maravilhado ao descobrir que a cidade era tudo o que eu esperava e mais. Senti-me assim perfeitamente à vontade para, ao criar uma impressão musical da minha curta visita, ceder àquilo que são talvez alguns clichés nova-iorquinos, uma vez que esta era uma ocasião em que o cliché e a realidade coincidiam de modo satisfatório!

«A peça inicia-se com uma descrição da paisagem da cidade e procura traduzir o entusiasmo das minhas primeiras experiências em Manhattan. Segue-se um tema de blues descontruído no saxofone alto, assumido depois pela banda mas interrompido

10
anos

 casa da música

PROMOTOR

APOIO

PATRONOS DO 10º ANIVERSÁRIO



MECENAS PROGRAMAS DE SALA

MECENAS CASA DA MÚSICA

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA



abruptamente por uma secção mais rápida que poderia chamar-se 'Cena de Rua'. Surge então uma melodia impetuosa do interior da banda que retrata, talvez, uma sensação de reverência perante toda a experiência, até que passo pela porta aberta de um clube de jazz vertendo música para a rua. O sax alto reassume a liderança e cita um tema curto do meu Concerto para trombone, representando os fragmentos de música que o transeunte ouve por breves instantes. Logo regressa a música de 'rua', acabando por conduzir de novo ao material do início. Uma curta coda dá por terminada a obra.»

George Gershwin

Rhapsody in Blue

Filho de imigrantes judeus russos, George Gershwin (1898-1937) nasceu em Nova Iorque. Destacou-se desde a juventude como autor de canções populares, algumas das mais famosas integradas em musicais da Broadway, ou em operetas como *Porgy and Bess*. São hoje património da cultura popular americana, tal como outras das suas obras se tornaram seminais na procura de um estilo nacional erudito. A reputação que Gershwin tinha aos 25 anos pode ser avaliada pela encomenda que recebe para a composição de um concerto para piano e banda de jazz – o autor da encomenda é Paul Whiteman, que era nos anos 20 um dos nomes mais populares das orquestras de jazz e de dança. A obra, escrita num andamento único, acabou por se tornar *Rhapsody in Blue* e foi estreada em 1924, com o próprio compositor ao piano e a banda de Whiteman. A orquestração a partir da partitura original para dois pianos foi realizada por Ferde Grofé, que retomou a partitura em 1926 e 1942 para novas adaptações. A versão tocada neste concerto é uma transcrição de Tohru Takahashi.

Os elementos da cultura negra americana marcam forte presença em várias obras de Gershwin. No caso da *Rhapsody in Blue*, que tinha precisamente como objectivo a criação de uma peça de fôlego para o repertório erudito incorporando elementos da música popular, há dois aspectos mais imediatos: a proximidade com a linguagem melódico-harmónica dos blues e os ritmos de inspiração popular. No que respeita ao primeiro aspecto, note-se a constante utilização da sétima menor da escala maior e a ambiguidade entre a terceira maior e a menor. São duas características que definem a harmonia de blues, amplamente exploradas na obra – por exemplo, nas melodias que só chegam à terceira maior passando antes pela menor. Os ritmos utilizados variam consideravelmente ao longo da peça, evitando uma identificação directa com a música de dança ao pontuar o discurso com o recurso a 'rubatos' expressivos. Mesmo assim, podem identificar-se padrões que remetem para o jazz da época, ainda ligado ao ragtime e ao 'stride piano'.

Luis Serrano Alarcón

Memorias de un hombre de ciudad

Luis Serrano Alarcón (1972) nasceu em Valência. Diplomou-se no Conservatório Superior da sua cidade, onde foi premiado em piano, harmonia e composição. Estudou depois piano com Javier Barranco e Margarita Roda, direcção de orquestra e composição com José Maria Cervera Collado e José Maria Cervera Lloret, e mais tarde direcção de orquestra com Octav Calleya. Foi maestro das bandas "La Artística" de Chiva e Centro Instructivo Musical de Benimaçlet, em Valência. Ensina Análise e Harmonia no Conservatório Profissional de Valência. Sobre a obra em programa, o compositor assinou a seguinte nota de programa:

«*Memorias de un hombre de ciudad* é uma obra descritiva que denuncia a desumanização do homem actual, a rotina, o trabalho, os horários, as pressas, as máquinas que nos dominam... Nela se conta a vida de uma pessoa durante um dia normal.

«Os sete andamentos que compõem a obra sucedem-se ininterruptamente. O primeiro, *Amanhecer na Cidade*, narra o amanhecer misterioso e envolto num halo de tristeza de um dia de trabalho rotineiro. Neste episódio apresenta-se a célula de três notas (si-sol-fá sustenido) que aparecerá como fio condutor em toda a obra.

«*Máquinas e homens* é um episódio de ritmo violento: dois temas opostos procuram conviver sobre uma célula envolvente e obsessiva de tercinas que marca o ritmo frenético da vida actual: o "tema dos homens" é uma melodia expressiva que parte da célula de três notas já mencionada, e o "tema das máquinas" é uma melodia pentatónica repetitiva.

«No breve episódio *10:30, Intermezzo* surge um novo motivo: trata-se de uma secção de oito compassos de textura homofona com uma sucessão de acordes menores sem âmbito tonal. Depois de uma nova irrupção de *Máquinas* onde se desenvolvem os elementos do segundo andamento, *Sonhos* representa um breve momento em que, ao final do dia, a personagem da nossa história sonha com uma vida melhor que dificilmente alcançará. A melodia dos homens aparece então quase despida e combinada com elementos do *Intermezzo*.

«A música volta a agitar-se em *Voos nocturnos*, passagem que evoca a vertigem que produz por vezes a vida nocturna. Trata-se de uma secção de desenvolvimento onde se combinam e sobrepõem os diferentes elementos que aparecem ao longo da obra. Depois do clímax, o ritmo vai-se diluindo paulatinamente até que faz regressar *Amanhecer na cidade*, encerrando desta forma o ciclo.

«A obra termina assim com um claro simbolismo extramusical: a vida do homem moderno não é uma sucessão de dias, mas antes um único dia repetido sem cessar.»

Francisco Ferreira *direcção musical*

Francisco Ferreira tem um percurso artístico que o tem vindo a destacar com uma carreira multidisciplinar. É diplomado em Saxofone pelos Conservatórios de Música do Porto e de Limoges (França) e pela Escola Superior de Música de Lisboa com as mais altas classificações. Teve o mérito de desenvolver em Portugal uma importante classe de saxofone, na área do clássico, com imensos alunos premiados em concursos nacionais e internacionais. Tem vindo a dedicar-se igualmente ao desenvolvimento das orquestras de sopro, o que o levou a trabalhar direcção de orquestra com Jan Cober, Marc Tadue, Eugene Corporon, Douglas Bostock e José Rafael Pascual Vilaplana, concluindo em 2007 o Mestrado em Direcção de Orquestra no Conservatório Real Holandês em Maastricht.

Foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian e do Instituto Camões, premiado pela Fundação Eng.º António de Almeida e vencedor do Concurso “Ouvir e Falar” da responsabilidade do Maestro António Victorino d’Almeida, apresentado pela RTP.

Apresenta-se regularmente em concertos na Europa, Ásia e Brasil. Tocou a solo com a Orquestra Sinfónica do Porto, Orquestra Clássica do Porto e da Madeira, Banda Sinfónica Portuguesa, Banda da Polícia de Segurança Pública de Lisboa, Banda de Curitiba (Brasil) e Banda Municipal da Corunha (Espanha), e ainda com a Orquestra Portuguesa de Saxofones. É frequentemente convidado para integrar júris de concursos nacionais e internacionais de saxofone e de bandas.

Como maestro, dirigiu numerosas formações de sopro e percussão, nomeadamente as Bandas Sinfónicas da Guarda Nacional Republicana (Lisboa), da Covilhã e do Conservatório de Música do Porto, Orquestras de Sopros do Inatel, do Algarve e Filarmonia de Vermoim, Orquestra da União Europeia, Banda Sinfónica Portuguesa, Rundfunk-Blasorchester Leipzig (Alemanha), Banda Sinfónica de Tatuí (São Paulo, Brasil), Banda Municipal de Vitória (Gasteiz, Espanha) e Pontevedra, entre outras. Nesta área, foi vencedor do 1º Prémio do II Concurso Internacional de La Sénia (Espanha) e World Music Contest em Kerkrade (Holanda) na categoria superior, este com a mais alta classificação de todas as edições, na qualidade de maestro titular e director artístico da Banda Sinfónica Portuguesa. Colabora em idênticas funções na Sociedade Musical Fafense.

É professor do quadro do Conservatório de Música do Porto, estando presentemente apenas a desempenhar funções como Director Pedagógico na Academia de Música de Costa Cabral – Porto. Desde 2004, é o maestro titular e director artístico da Banda Sinfónica Portuguesa.

Paralelamente à sua carreira artística, licenciou-se em Direito em 1994 pela Universidade Católica Portuguesa.

Mário Laginha *piano*

Com uma carreira que leva já mais de duas décadas, Mário Laginha é habitualmente conotado com o mundo do jazz. Mas se é verdade que os primórdios do seu percurso têm um cunho predominantemente jazzístico – foi um dos fundadores do Sexteto de Jazz de Lisboa (1984), criou o decateto Mário Laginha (1987) e lidera ainda hoje um trio com o seu nome –, o universo musical que construiu com a cantora Maria João é um tributo às músicas que sempre o tocaram, a começar pelo jazz e passando pelas sonoridades brasileiras, indianas, africanas, pela pop e o rock, sem esquecer as bases clássicas que presidiram à sua formação académica e que acabariam por ditar o seu primeiro e tardio projecto a solo, inspirado em Bach (*Canções e Fugas*, de 2006).

Mário Laginha tem articulado uma forte personalidade musical com uma vontade imensa de partilhar a sua arte com outros músicos e criadores. Desde logo, com Maria João, de que resultou um dos projectos mais consistentes e originais da música portuguesa, com mais de uma dezena de discos e muitas centenas de concertos em salas e festivais um pouco por todo o mundo (festivais de Jazz de Montreux, do Mar do Norte, de San Sebastian, de Montréal...).

Em finais da década de oitenta iniciou uma colaboração, que se mantém até hoje, com o pianista clássico Pedro Burmester, com quem gravaria um disco, e que seria alargada a Bernardo Sasseti em 2007 no projecto “3 pianos”, com a gravação de um CD e um DVD, além de uma dezena de concertos com fortíssima repercussão na crítica e no público. Até ao seu inesperado desaparecimento, Bernardo Sasseti foi, de resto, um parceiro e cúmplice de Mário Laginha em muitas dezenas de concertos e em dois discos gravados, o último dos quais dedicado à música de José Afonso.

Com uma sólida formação clássica, Mário Laginha tem escrito para formações tão diversas como a Big Band da Rádio de Hamburgo, Big Band de Frankfurt, Orquestra Filarmónica de Hannover, Orquestra Metropolitana de Lisboa, Remix Ensemble Casa da Música, Drumming – Grupo de Percussão e Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música. Tem tocado, em palco ou em estúdio, com músicos excepcionais como Wolfgang Muthspiel, Trilok Gurtu, Gilberto Gil, Lenine, Armando Marçal, Ralph Towner, Manu Katché, Dino Saluzzi, Kai Eckhardt, Julian Argüelles, Steve Argüelles, Howard Johnson ou Django Bates. Compõe também para cinema e teatro.

A obra mais recente do trio partilhado com Bernardo Moreira e Alexandre Frazão é *Mongrel*, um trabalho que partiu de temas originais de Chopin, transformados para a linguagem pessoal do pianista. *Iridescente*, gravado na Fundação Calouste Gulbenkian, é a sua última aventura musical com a cantora Maria João. Colabora desde 2012 com o pianista brasileiro André Mehmari, com que gravou um disco ao vivo, com música original de ambos, contando já com vários concertos no Brasil e em Portugal. Em finais de 2013, Mário Laginha e o seu Novo Trio com o guitarrista Miguel Amaral e o contrabaixista Bernardo Moreira lançaram *Terra Seca*, um disco que desbrava novos caminhos para o jazz e a música portuguesa.

Banda Sinfónica Portuguesa

Sedeada no Porto, a Banda Sinfónica Portuguesa foi criada em Novembro de 2004 por um grupo de cerca de 70 jovens instrumentistas.

A BSP teve o seu concerto de apresentação no dia 1 Janeiro de 2005 no grande auditório do Teatro Rivoli do Porto, onde também gravou o seu primeiro CD, tendo entretanto recebido um importante apoio por parte da Culturporto e mais tarde da Porto-Lazer na divulgação e expansão do seu projecto. Em 2010, lançou o seu álbum *A Portuguesa* com obras exclusivamente de compositores portugueses, tendo ainda gravado os CDs *Traveler e Hamlet* para as editoras holandesas Mirasound e Molenaar, respectivamente.

A partir de Janeiro de 2007, a BSP é convidada pela Fundação Casa da Música a apresentar-se regularmente na Sala Guilhermina Suggia, onde tem vindo a interpretar um conjunto de obras originais de compositores de renome mundial, algumas delas até em primeira audição. Ao longo dos sete primeiros anos de actividade, possibilitou, na maioria dos seus concertos, a apresentação de talentosos solistas nacionais e internacionais. Algumas apresentações contaram ainda com a participação dos coros da Academia de Música de Costa Cabral, Orfeão do Porto e da Foz e do Círculo Portuense de Ópera.

Outros objectivos passam pela iniciativa pedagógica de levar a cabo masterclasses de instrumento com professores de reconhecido mérito artístico, bem como Cursos de Direcção de Banda (contando já com 9 edições) orientados pelos prestigiados maestros Marcel van Bree, Jan Cober (Holanda), Douglas Bostock (Inglaterra), José Rafael Vilaplana (Espanha) e Eugene Corporon (EUA).

Flautas

Herlander Sousa
Daniela Anjo
David Leão (piccolo)

Oboés

Paulo Areias
Juliana Félix
Fernanda Amorim (c. inglês)

Fagotes

Lurdes Carneiro
Gabriel Fonseca

Clarinetes

Crispim Luz
Mário Apolinário
Ana Rita Petiz
Nuno Sousa
João Ramos
Luísa Marques
Rui Lopes

Alcina Azevedo
André Silva
Edgar Silva
Tiago Bento
Vitor Fernandes
Filipe Pereira (requinta)
Hugo Folgar (cl. baixo)

Saxofones

- Alto
Gilberto Bernardes (sax. soprano)
Lúcio Monteiro

- Tenor

Isabel Anjo
Jorge Sousa

- Barítono

Marcelo Marques

Trompas

Luís Duarte
Hugo Sousa

Maestros internacionalmente reputados como Jan Cober, Douglas Bostock, José Rafael Vilaplana, Alex Schillings e Eugene Corporon dirigiram a BSP com enorme sucesso, tendo considerado este projecto como extraordinário e de uma riqueza cultural enorme para Portugal. Aliás, a BSP tem vindo a receber até ao momento as melhores críticas, não só do público em geral, como também de prestigiados músicos nacionais e estrangeiros. Maestros portugueses como Fernando Marinho, Luís Carvalho, Avelino Ramos, António Costa, Alberto Roque e Hélder Tavares dirigiram também esta orquestra.

Destaca-se a realização de concertos nos principais teatros de norte a sul do país, Teatro Monumental de Madrid (RTVE), Teatro Principal de Pontevedra (Galiza) e Rosalia de Castro (Corunha), e participações nos Certames Internacionais de Boqueixón e Vila de Cruces (Espanha).

A BSP obteve, em Abril de 2008, o 1º prémio no II Concurso Internacional de Bandas de La Sénia na Catalunha (Espanha), na 1ª secção, e igualmente o 1º prémio na categoria superior (Concert Division) do 60º aniversário do World Music Contest em Kerkrade (Holanda), em Outubro de 2011, com a mais alta classificação alguma vez atribuída em todas as edições deste concurso que é considerado o “campeonato do mundo de bandas”. Em Março de 2014 realizou a sua primeira tournée intercontinental pela China, com cinco concertos nas cidades de Hangzhou, Jiangyin, Shaoxing, Ningbo e Jiaying.

A Banda Sinfónica Portuguesa é uma Associação cultural, sem fins lucrativos, apoiada pelas escolas de ensino artístico especializado Academia de Música de Costa Cabral (Porto) e Conservatório de Música do Porto, sendo financiada pela Direcção-Geral das Artes. A direcção artística está a cargo do Maestro Francisco Ferreira.

Pedro Henriques

Nuno Silva
Hélder Vales

Trompetes

Telmo Barbosa
Hélder Fernandes
Tiago Ferreira
Carlos Martinho
Pedro Celestino
Mário Pinto

Trombones

Rúben Tomé
Tiago Nunes
Joaquim Oliveira
Júlio Sousa

Eufónios

Nuno Costa
Luís Gomes

Tubas

Avelino Ramos
Fernando Santos
Jorge Fernandes

Percussão

Jorge Lima (tímpanos)
Pedro Góis
Rodrigo Cordeiro
Luís Santiago
Tomás Rosa
Eduardo Cardinho

Contrabaixo

Cláudia Carneiro

Piano

Ana Raquel Cunha

Harpa

Erica Versace

CO-FINANCIADO POR

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE

